

A saída no mundo de camponeses norte mineiros: um estudo etnográfico das mobilidades internas

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula¹

Maria Cecília Cordeiro Pires²

Resumo: Este artigo objetivou compreender os movimentos migratórios de camponeses da Comunidade do Touro, no município de Serranópolis de Minas, Norte de Minas Gerais. Através da metodologia qualitativa, com estudo bibliográfico e pesquisa de campo, realizamos entrevistas em profundidade e observação, descrevendo as trajetórias dos migrantes, que vivenciaram a promessa do progresso com a política da monocultura de algodão e que hoje vivem a migração sazonal. Demonstramos como o Estado, através de incentivos a políticas desenvolvimentistas, influencia nos modos de vida tradicionais e provoca as migrações internas, que representam uma das formas de resistir a expropriação da terra e assim, permanecer na luta pelo território.

Palavras-chave: Migrações internas. Norte de Minas. Comunidade do Touro. Políticas desenvolvimentistas. Campesinato. Resistências.

The departure into the world of peasants from the north of Minas Gerais: an ethnographic study of internal mobilities

Abstract: This article aimed to understand the migratory movements of peasants from the Community of Touro, in the municipality of Serranópolis de Minas, North of Minas Gerais. Through qualitative methodology, with bibliographical study and field research, we conducted in-depth interviews and observation, describing the trajectories of migrants, who experienced the promise of progress with the cotton monoculture policy and who are now experiencing seasonal migration.

¹ Doutora em Geografia Humana pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e docente da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mails: andreapirapora@yahoo.com.br / andreasertao@gmail.com

² Doutoranda em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: mariacecilia1942@hotmail.com

We demonstrate how the State, through incentives for developmental policies, influences traditional ways of life and causes internal migrations, which represent one of the ways to resist land expropriation and thus remain in the struggle for territory.

Keywords: Internal migrations. North of Minas Gerais. Taurus Community. Developmental policies. Peasantry. Resistances.

La salida al mundo de los campesinos del norte de Minas Gerais: un estudio etnográfico de las movilidades internas

Resumen: Este artículo tuvo como objetivo comprender los movimientos migratorios de campesinos de la Comunidad de Touro, en el municipio de Serranópolis de Minas, Norte de Minas Gerais. A través de una metodología cualitativa, con estudio bibliográfico e investigación de campo, realizamos entrevistas en profundidad y observación, describiendo las trayectorias de los migrantes, que vivieron la promesa de progreso con la política de monocultivo de algodón y que ahora viven la migración estacional. Demostramos cómo el Estado, a través de incentivos a las políticas desarrollistas, influye en los modos de vida tradicionales y provoca migraciones internas, que representan una de las formas de resistir la expropiación de tierras y así permanecer en la lucha por el territorio.

Palabras clave: Migraciones internas. Minas del Norte. Comunidad Tauro. Políticas de desarrollo. Campesinado. Resistencias.

Introdução

As mobilidades humanas estão presentes durante toda a história da humanidade, mas elas não dizem respeito apenas a uma saída de um ponto a outro. Migração é um processo social complexo, que envolve o indivíduo que migra, mas também seu grupo, que modifica os lugares de destino, mas também os de origem, um processo dinâmico que necessita de um olhar interdisciplinar que abarque a sua diversidade. Sayad (1998) afirma que os estudos migratórios apresentam um caráter interdisciplinar, pois "todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de inúmeras disciplinas" (SAYAD, 1998, p. 15). A partir dessa perspectiva de multidisciplinaridade, buscamos nesse artigo apresentar um

estudo de caso dos movimentos migratórios de camponeses da Comunidade do Touro, que fica no norte de Minas Gerais, localizada no município de Serranópolis de Minas, microrregião de Janaúba, sendo limítrofe aos municípios de Porteirinha, Riacho dos Machados e Rio Pardo de Minas (microrregião de Salinas). Pretendemos revelar como o Estado, através de incentivos a políticas que carregam um discurso desenvolvimentista, influencia nos modos de vida tradicionais e de certo modo, provocam as migrações.

Políticas de desenvolvimento que estimulam mobilidades humanas: do global para o local

Pensar sobre a migração é pensar, entre tantos aspectos, sobre como os processos de desenvolvimento são abordados na constituição da nossa realidade regional. O conceito de desenvolvimento em um primeiro momento foi fundamentado principalmente a partir dos sentidos de progresso e evolução. Associado as ideologias, modernização e ao crescimento econômico, tornou-se um caminho único, uma "solução" para todos os aspectos de atraso existentes e "inventados".

Segundo Esteva (2000), tivemos enquanto marco histórico de início da "era do desenvolvimento" o discurso do presidente Truman nos Estados Unidos no ano de 1949, momento em que passa a afetar as populações periféricas, a partir da campanha política em nível global, liderada pelo país ao final da Segunda Guerra Mundial. Reconhecido por todas as instituições da década, os Estados Unidos ocupavam um lugar ao centro do mundo, mas objetivavam além disso, um estabelecimento de forma permanente e hegemônica. Propondo o modelo econômico a ser seguido pelos demais países, construíram um novo processo colonizador representado pela divisão dos binômios: "desenvolvidos" e "subdesenvolvidos".

O uso do termo "subdesenvolvimento" pelo presidente Truman, se expressa como uma categoria política que descaracterizou toda as diversidades de povos, que foram reduzidos

a posição de subdesenvolvidos, colocados em uma fila para o desenvolvimento, onde o lugar que ocupavam era ao seu final (ESTEVA, 2000). Este modelo era o ponto de chegada para as nações periféricas durante o pós-guerra, demonstrando que intrínseco a ele, existia as ideias evolucionistas de progresso e linearidade da história. Nesse sentido, compreendemos que o termo reduziu-se às questões da esfera econômica, por isso as críticas a este modelo excludente são de suma importância para questionar essas associações que por muito tempo perpetuaram estigmas e a partir da naturalização de tais questões, as alternativas de superação aparecem justamente enquanto um modelo de desenvolvimento falacioso. Desta maneira, perpetuam-se conflitos, entre aqueles que impõe políticas e os que tem os modos de vida desprezados.

Dito isso, este trabalho adota uma perspectiva crítica ao modelo de desenvolvimento que referente ao nosso contexto de análise, desconsidera os modos de vida rural e prega o desenvolvimento³. Ou seja, representa o não envolvimento, pois desenvolver é tirar a autonomia que "cada cultura e cada povo mantém com o seu espaço, com seu território; é subverter o modo como cada povo mantém suas próprias relações de homens (e mulheres) entre si e destas com a natureza" (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 39).

Para refletirmos sobre essa dinâmica no Norte de Minas, consideramos importante repensar sua formação histórica e a construção de suas representações. Essa região, diferente das "Minas" com a exploração do ouro e dos metais preciosos, constituiu os seus "Gerais" pelos currais de bois. De acordo com Paula (2009) podemos compreender que:

³ Utilizamos a categoria des-envolvimento, com base nos estudos de Porto-Gonçalves (2004, p. 24), como crítica ao entendimento e aplicação do conceito como sendo "o nome síntese da ideia de dominação da natureza. Afinal, ser desenvolvido é ser urbano, é ser industrializado, enfim, é ser tudo aquilo que nos afaste da natureza e que nos coloque diante de constructos humanos, como a cidade, como a indústria". Concordamos com o autor que as políticas passaram a pregar o des-envolvimento, ou seja, representam o não envolvimento.

O sertão mineiro teve a sua composição organizacional fundada nas grandes fazendas de gado, nas propriedades herdadas dos tempos do Brasil colônia, no sistema de capitânicas hereditárias, e no período do ciclo do ouro. As fazendas de gado do Nordeste seguiram as margens do Rio São Francisco e alcançaram o Norte de Minas, trazendo a pecuária extensiva e a marcha dos latifúndios que se tornaram características da ocupação e estruturação regional. (PAULA, 2009, p. 65)

O Norte de Minas foi primeiramente denominado de Currais da Bahia, pertencendo às Capitânicas da Bahia e de Pernambuco, somente em 1720 foi incorporado à capitânicia de Minas Gerais. Apoiado em seu processo de formação histórica, a região apresenta uma diversidade de culturas, saberes, valores, bem como características particulares de costumes. No entanto, embasados nas contribuições de Costa (2003), podemos afirmar que houve uma invenção de Minas Gerais através do discurso da mineiridade. Ao pensar sobre as relações entre as Minas e os Gerais, o autor aponta uma dupla dinâmica que constituiu uma hierarquia, o "englobamento do contrário" e a exclusão do "de fora"⁴.

Costa (2003) afirma, que através do discurso da mineiridade, existe a invenção da imagem una de Minas Gerais, visão dominante que aciona e valoriza a civilização do ouro, a cultura urbana e remete as paisagens montanhosas das cidades históricas. Deste modo, compreende que "falar Minas Gerais é acionar um signo que informa apenas um dos processos constitutivos e fundantes da sociedade mineira. Aquele que se caracteriza pela formação de arraiais de mineração [...]. Ou seja, as minas gerais, ou se se quiser, as minas generalizadas" (COSTA, 2003, p.284). Por isso, outro signo diacrítico é acionado, o Sertão Mineiro, o Norte de Minas,

⁴ O autor utiliza a teoria do "englobamento do contrário" de Dumont (1992) e da exclusão do "de fora" (outsiders) de Elias e Scotson (2000).

pois como vimos, sua constituição é oposta à da área de mineração, o que distingue dessa visão homogênea.

Ao mesmo tempo que, por conta do interesse político, é passada a ideia de uma unicidade mineira, o sertão é também lembrado por sua diferença, estigmatizado e vinculado a barbárie, pobreza, atraso e natureza hostil. Compreendemos enfim, que o Norte de Minas está envolto a uma invenção social que não leva em consideração os seus processos específicos de formação. Sustentado no discurso de que se trata de um lugar de pobreza e miséria, e da necessidade da superação desse cenário, a região se torna alvo de políticas desenvolvimentistas, vindas de diferentes níveis da esfera governamental, para tentar nivelar o desenvolvimento econômico da região aos padrões alcançados por outras mesorregiões do estado ou do Brasil.

O discurso que representa o Norte de Minas como lugar de expulsão, acoberta todo o histórico de constituição da região, que se formou a partir da junção de muitos povos, vindos de outros lugares e países. Viajantes chegavam e se fixavam por conta das terras férteis e águas abundantes, porém, é justamente com o processo de modernização conservadora da agricultura que há a desestruturação das relações de vida no lugar e faz com que a dinâmica da migração seja uma forma de resistência.

Nesse sentido, no Norte de Minas, a atuação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste — SUDENE, é resultado do discurso de integração à economia nacional, facilitando a entrada de capitais nacionais e internacionais para agenciarem o crescimento econômico almejado, ou seja, a partir de seu estabelecimento em 1965, a modernização do campo cria bases na região. Idealizada por Celso Furtado e instituída nos anos de 1959, no governo de Juscelino Kubitschek, o órgão visava colocar em prática ações que atraíssem investimentos do setor privado para as regiões atingidas pela seca, dando início ao processo de modernização, financiado pelo Estado. Como evidenciado por Barbosa (2014, p. 44), iniciou-se um processo de modernização, principalmente através de linhas de financiamento, podendo

verificar cinco principais pilares: agricultura e fruticultura irrigada; monocultura de eucalipto; pecuária extensiva; monocultura de algodão e incentivos à industrialização de algumas cidades. É importante ressaltar que cada município Norte Mineiro foi atingido por estes eixos de des-envolvimento, de maneiras e intensidades diferentes, mas tais processos desencadearam também, diversas mobilizações para reivindicar territórios, modos de vida, fortalecimento de redes, dentre outros.

No cenário rural Brasileiro e Norte Mineiro, a rápida industrialização e modernização conservadora do campo não resultaram no que a utopia burguesa prometia, pois o crescimento industrial gerou entre tantos aspectos: incremento do êxodo rural e o encurralamento de modos de vida e territórios tradicionais, como podemos ver nos resultados de pesquisa de Araújo (2016), Paula (2003; 2009) e Pires (2019). "As relações capitalistas incentivam a mobilidade espacial da população. Os trabalhadores migram em busca de trabalho em função do modo de produção capitalista que unifica o mercado de trabalho urbano e o mercado de trabalho rural" (PAULA, 2003, p. 29).

De maneira geral, tivemos essas tentativas de promover o crescimento econômico da região, através de políticas públicas desenvolvimentistas, que pelos fatores citados, deflagraram conflitos, principalmente nas áreas rurais. Nesse sentido, compreendemos o desenvolvimento como uma categoria em disputa, que desqualifica e interfere nos modos de vida, cultura e identidade dos povos locais, provocando as disparidades estruturais que insistem em prosseguir.

As comunidades rurais ao longo dos anos constituem uma relação de territorialidade com o lugar, o que Little (2002, p. 3) vai definir como "esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu 'território'". Em função disso, alguns questionamentos são fomentados: como os camponeses Norte Mineiros se tornam migrantes? O que a complexidade de fluxos e rotas de deslocamentos representa em

seus modos de vida? Podemos considerá-las enquanto estratégias de reprodução camponesa? O que as migrações internas modificam na vida dos que vão e dos que ficam? Qual o papel do Estado nesses fluxos?

Caminhos metodológicos e a chegada ao estudo de caso na Comunidade do Touro, Serranópolis de Minas – MG

Neste artigo, trazemos nossa experiência enquanto pesquisadoras do OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco (CNPq/UNIMONTES)⁵, que busca contribuir para as pesquisas sobre migrações internas, através de projetos e estudos interdisciplinares, com enfoque em geografia humana, antropologia e sociologia. Para este texto propomos refletir sobre o estudo de caso realizado na Comunidade do Touro, para fim de dissertação de mestrado (PIRES, 2019) e vinculado ao projeto de pesquisa: "Do Sertão para outros mundos: As Redes de Relações Sociais nos Processos Migratórios para o Trabalho do/no Norte de Minas Gerais" (CSA-APQ-01373-15 - FAPEMIG), o objetivo foi compreender as dinâmicas das migrações internas para o trabalho.

Realizamos uma pesquisa predominantemente qualitativa, pois tínhamos o intuito de compreender a densidade e complexidade do processo junto aos sujeitos, onde as informações foram conduzidas através da memória, do conhecimento oral e da narrativa.

A pesquisa social tem como objeto de investigação uma realidade na qual o pesquisador está inserido. Bourdieu (2010) enfatiza que não existe ciência neutra, mas é preciso manter uma atitude de vigilância epistemológica, para que os procedimentos de interpretação não se contaminem por uma visão de mundo

⁵ OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco (CNPq/2011), parecer 158.386, referente a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros (CEPEX/UNIMONTES 96/2011).

específica. No entanto, entendemos que a pesquisa é também parte de um ofício artesanal, levando em consideração os autores Martins (2004), Mills (2009) e Minayo (2001), entendemos a necessidade de afinidade teórica sobre o tema, a atenção sobre as técnicas e métodos, para que o pesquisador, como um artesão, compreenda o processo da pesquisa. Percebemos, também, a importância de não perder de vista a criatividade e reflexão, para que esses lados, que embora possam parecer opostos, caminhem mais aproximados.

Além do estudo bibliográfico realizamos trabalhos de campo, considerando sua importância mais do que um ato puramente científico e sim como vivência, nos amparando nas reflexões de Brandão (2007), que discorre sobre a subjetividade e a necessidade de confiabilidade entre pesquisador e sujeito da pesquisa. O autor nos alerta para as inúmeras dimensões que podem ocorrer em campo e como é necessária cautela, desde a forma de inserção na comunidade às maneiras de conduzir as entrevistas. A observação é de suma importância, é preciso "descrever a banalidade do cotidiano" e assim, o instrumento crucial foi o diário de campo, onde registramos as percepções, detalhes, observações, uma série de dados que foram permanentemente acionados.

Isto posto, realizamos na Comunidade do Touro três incursões a campo: em outubro de 2017, abril de 2018 e janeiro de 2019; devidamente marcadas com os moradores, respeitando suas disponibilidades e levando em conta que muitos migrantes saem sazonalmente do lugar, respeitando um calendário cíclico: abril é o mês dos preparativos e contatos para o trabalho; de maio a agosto ficam fora nas fazendas de café; estando no Touro nos meses restantes. Os trabalhos de campo de 2017 representaram uma primeira aproximação e apresentação da pesquisa, quando conhecemos nossos principais informantes, aprofundando e buscando conversar com os migrantes nos retornos a campo. Nesta ocasião, em 2017, foi muito significativo observar a rotina do lugar, onde buscamos conhecer o histórico de formação da Comunidade e costumes que se relacionam com os modos de vida e trabalho, conversando principalmente com os moradores mais velhos. Os informantes-chaves contribuíram nos indicando novos

entrevistados que na visão deles eram importantes e poderiam nos ajudar a responder nossas dúvidas. Sempre quando íamos em novas casas, erámos apresentados por alguém da Comunidade o que trouxe mais abertura dos sujeitos a nos receber. Já em contato com eles, apresentávamos nossos objetivos afim de que todos os participantes tivessem plena condição de compreensão dos resultados daquelas entrevistas, que foram realizadas com o consentimento de cada um.

Entendemos que nossa estratégia de recrutamento para as entrevistas pode ser definida como a técnica de *snowballing* (bola de neve), que consiste em pedir para um entrevistado apresentar possíveis nomes de outros entrevistados (MARTUSCELLI, 2019). Reiteramos que nossa amostra não visava ser representativa e generalista, porém, traz importantes contribuições para o conhecimento qualitativo de histórias de vida de migrantes, que há muitos anos vem sendo trabalhados e representados na literatura acadêmica (GRAZIANO DA SILVA, 1996; DURHAM, 1978; SINGER, 2008; MARTINS, 1988; FONSECA, 2015).

Realizamos entrevistas qualitativas, densas e em profundidade, a partir de um roteiro semiestruturado, utilizado para fomentar as principais questões de interesse da pesquisa. Foram 15 entrevistas, onde 05 delas com moradores mais velhos e sujeitos que nunca migraram, oportunizando que tivéssemos acesso as representações daqueles que não realizam a migração. Especificamente em relação aos processos de saída para os trabalhos temporários, entrevistamos 10 moradores da Comunidade com faixa etária entre 21 e 65 anos. Dos 10, todos já migraram mais de uma vez, entre aqueles que saem anualmente e outros que pausaram durante um período. Deles, quatro estavam há pelo menos mais de dois anos sem sair, mas pretendiam migrar novamente, exceto um entrevistado de 57 anos, aposentado por conta de uma amputação de um dos pés. Foram experiências cruciais onde nos resguardamos com técnicas de pesquisa incorporadas ao método etnográfico, dentre elas, observação participante, entrevistas e anotações em diário de campo.

Na Comunidade do Touro vivem cerca de 50 famílias em terras que anteriormente pertenceram a um grande fazendeiro escravocrata, conhecido como "Tonim do Canto". Os moradores mais antigos contam que ele foi um dono de escravizados descendentes de algumas famílias que ainda hoje vivem no lugar, como relata Dona R., de 74 anos que nasceu e sempre viveu no Touro. Sua tataravó veio da África, comprada por este fazendeiro e o seu filho (bisavô de Dona R.), também "trabalhou" como escravo nesta fazenda.

Na região, chegaram as primeiras famílias de camponeses que conseguiram comprar pequenos pedaços de Terras, que antes pertenciam ao Tonim do Canto. Pelos relatos que tivemos, constatamos que a Comunidade se formou no final do século XIX e início do século XX, considerando a idade dos primeiros habitantes, como a senhora Julinha que faleceu com 106 anos e também por ser o período de transição do trabalho escravo. As lembranças evocadas das primeiras famílias que chegaram e constam nos relatos dos moradores, são da Família Pereira, Família Barbosa e a da Família de Filozim. Recordam de uma época em que não haviam cercas e construíram a primeira Igreja da padroeira Santa Ana.

Foi assim, a partir da miscigenação entre camponeses portugueses, italianos e negros alforriados, que se formou a Comunidade, que por conta de um boi muito brabo que apareceu por estas terras, foi nomeada de a 'Comunidade do Touro'. As famílias viviam das variedades que plantavam, da criação de pequenos animais, juntamente com as trocas realizadas. A cidade era lugar de resolver as coisas, comprar mantimentos e ir à feira, onde começaram a comercializar alguns produtos. As relações foram estabelecidas no compadrio, nos mutirões, nas trocas, no sagrado, processos significativos para a constituição dos costumes e identidades no lugar. Com o tempo e por conta de disputas por heranças, as grandes fazendas diminuíram, mas hoje continuam no entorno da Comunidade. A ligação antigamente é relatada como mais conflituosa, muitos moradores trabalhavam para os fazendeiros, hoje a relação, segundo descrevem, é

menos tensionada, mas ainda muitos dos camponeses trabalham nas fazendas.

A região onde a Comunidade está situada, nas áreas de caatinga na Serra Geral, tem sua reprodução da vida baseada na agricultura das variedades mais resistentes as secas. Por essa razão, até a 1ª metade do século XX, o algodão foi cultivado nas plantações do lugar, em um tempo onde era atividade realizada principalmente por camponeses e acontecia associado com outras plantações. Porém, os novos tempos trouxeram novas dinâmicas e novos desafios. Como demais comunidades rurais e toda a região Norte Mineira, a do Touro foi inserida em políticas de modernização, que passaram a atingir os modos de vida locais. Dentre os eixos de desenvolvimento, gestados pela SUDENE, a região da Serra Geral, recebeu estímulos para a monocultura algodoeira, introduzindo uma diferente perspectiva, que como apontado por Dayrell (1998), trouxe tração motorizada, substituindo os sistemas diversificados de produção de alimentos e fibras. Enquanto política de desenvolvimento, fez vigorar na 2ª metade do século XX, um novo tempo do algodão, onde os programas e créditos rurais eram incentivados a partir da "incorporação parcial de pacote tecnológico desenvolvido a partir das premissas da revolução verde, estimulando a modernização de um setor da agricultura familiar" (DAYRELL, 1998, p. 3).

O boom do algodão foi especialmente entre as décadas de 1960 a 1980. O discurso dominante na época é que a monocultura de algodão traria desenvolvimento, progresso, modernidade, gerando empregos, estimulando sonhos de melhoria de vida. Em meio a esse turbilhão de expectativas, buscamos entender, junto aos agricultores do Touro, o que esse processo representou. O agricultor L., de 49 anos, nos contou a experiência de sua família com o acesso aos créditos para a monocultura de algodão.

Nasci aqui nessa comunidade mesmo, a uns três quilômetros e sempre trabalhei na roça e a partir dos 18 (anos) me envolvi com movimentos sociais, na igreja, pastorais e só no sindicato (dos trabalhadores

rurais de Porteirinha) fiquei 15 anos e meio, cansei as pernas de ficar pra lá. E hoje, hoje eu estou aqui, não gosto de reunião mais, cansei. Mas gosto da roça, levantar quatro e meia da manhã e até ontem mesmo umas 20 pra 8 (horas) eu estava almoçando. Estudei até a segunda série. [...] Eu sou da época do auge do algodão. **Era uma época que diz que era rica, mas se for imaginar mesmo, rica de gente pobre.** Às vezes você tem um ou outro, trabalhava um tanto de gente, mas esse dinheiro canalizava pra um pequeno grupo, sabe? Não sobrava aquela coisa não. Já começava vendendo o algodão às vezes antes de plantar, sabe? E no final sobrava o mínimo, mas tinha um movimento. Ficar dependendo, o povo que sai hoje pra trabalhar lá no café, você tinha os daqui que, igual lá em casa mesmo, pai tinha quinze, dezoito pessoas trabalhando mais ele direto, era aqui. Gerava emprego, mas no fundo no fundo não sobrava muito também não. (Depoimento de L., 49 anos, morador da Comunidade do Touro, Outubro de 2017, grifos das autoras)

Hoje a reflexão de L. é que na verdade o período da monocultura foi uma época "rica de gente pobre". No início da década 1990, chega o fim do ciclo do algodão nessa região (BARBOSA; FEITOSA, 2006) e aparentemente a partir deste declínio na produção que as situações nocivas foram percebidas e sentidas. Nas grandes fazendas do lugar também havia o monocultivo, porém, foram os pequenos agricultores os principais atingidos. Acessando os créditos oficiais ou trabalhando nas fazendas, precisaram parar de produzir suas roças de gêneros alimentícios, introduzindo práticas que afetaram a diversidade e provocaram o desgaste dos solos e águas. Muitos se endividaram por conta dos créditos e de vendas antecipadas, ficou impossível voltar a plantar com as terras destruídas, onde estavam adaptados a um cultivo a partir dos pacotes agroindustriais, além das dificuldades hídricas.

Por isso, enquanto buscávamos compreender os impactos da monocultura foi notória a associação que os moradores fizeram

com as migrações, processo que aparece como resultado pós crise. "Aí que começou a tal da migração. O pessoal foi saindo daqui do algodão, aí já tinha aquela turma lá da braquiária e da braquiária tinha a turma que levava pro corte de cana" (L.). Esta realidade foi vivenciada em todos os lugares atingidos por este modelo de desenvolvimento. Como exposto por Barbosa e Feitosa (2006, p. 181), "se, por um lado, provocou a 'modernização do campo', por outro, implicou o empobrecimento dos agricultores familiares, a degradação dos recursos naturais e a manutenção da concentração fundiária".

A realidade da modernização do campo, foi vivenciada de forma cruel pelos pequenos agricultores, com terras destruídas, escassez hídrica e nenhum incentivo estatal, a migração tornou-se uma possibilidade na luta pelo sustento mínimo.

Da monocultura de algodão a saída no mundo: os tipos e destinos da migração

Embora a monocultura tenha carregado muitos sonhos e expectativas positivas, com o declínio da produção por volta de 1990, restaram poucas alternativas.

Pior que já vinha um pacote, o pessoal usava máquina pesada pra gradear as terras, tinha que passar veneno toda semana também, porque vinha o pacote completo, então com isso foi uma perda muito grande que as pessoas tiveram. Aí ele tinha com o algodão, além de pagar o empréstimo, tinha que comprar todas as outras coisas. E muitas dessas pessoas perderam as suas terras por causa disso, não conseguia pagar o banco e os documentos ficava tudo no banco. Os bancos leiloaram muito dessas terras, para poder cobrir lá aquele financiamento que era feito e muitas pessoas também que era avalista perderam também. (Depoimento de G., 54 anos, morador da Comunidade do Touro, Outubro de 2017)

O tempo do algodão passou a ser regido pela monocultura que instaurou, então, os tempos das migrações, com objetivos e trajetórias relacionados grandemente a geração a que pertence o migrante. Os tipos de migrações que encontramos no lugar foram expostas pelos sujeitos migrantes, familiares e vizinhos, ou seja, os moradores do lugar que vivem os dois lados do processo, o sair e o ficar.

Identificamos dois tipos de migração na Comunidade, que segundo as classificações de Martins (1988, p. 49), são cíclicas e não-cíclicas. As cíclicas são aquelas propriamente ditas temporárias, com ritmo marcado e tempo certo de saída e retorno. São dominadas pelos tempos das estações do ano, plantios e colheitas, combinando ciclos agrícolas distintos e envolvendo do camponês ao boia-fria. Já as migrações não-cíclicas, podem destinar também as áreas urbanas, envolvendo trabalhos em indústrias, comércios, construção civil, grandes obras públicas e privadas. Este tipo é dominado pelo capital, tem o tempo subjugado e irregular, tendendo a se tornar "permanente". Visto isto, "as condições e os efeitos sociais de cada uma dessas modalidades são diferentes entre si e envolvem concepções diferentes do que é "temporário" e do que é migração temporária" (MARTINS, 1988, p. 49).

No Quadro 1 expressamos a dinâmica desses movimentos, os destinos que foram citados e as ocupações de trabalho nestes lugares.

Quadro 1: Destinos e Ocupações dos Migrantes da Comunidade do Touro

DESTINOS CITADOS	OCUPAÇÃO
Minas Gerais (Norte de Minas) <ul style="list-style-type: none"> • Porteirinha • Riacho dos Machados • Serranópolis de Minas • Montes Claros • Jaíba 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhos em Comércio (supermercados, soverterias, lojas): atendentes, entregadores, faxineiros, etc.; • Trabalho Doméstico; • Trabalhos na Mineradora; • Trabalhos em Prefeitura; • Trabalhos nas <i>Firmas</i>; • Servente de Pedreiro.
Minas Gerais (Sul de Minas) <ul style="list-style-type: none"> • Turvolândia • Campos Gerais 	<ul style="list-style-type: none"> • Hortifruti; • Colheita de Café; • Corte de Capim Braquiária.
São Paulo <ul style="list-style-type: none"> • Indaiatuba • Cajuru • Pedregulho • Buritizal • Santo Antônio do Jardim • Cristais Paulistas 	Área Urbana <ul style="list-style-type: none"> • Qualquer emprego disponível: fábricas, <i>firmas</i>, construção civil, etc. Área Rural <ul style="list-style-type: none"> • Hortifrúti; • Corte de Cana; • Corte de Capim Braquiária; • Colheita de Café.
Mato Grosso <ul style="list-style-type: none"> • Primavera do Leste 	<ul style="list-style-type: none"> • Colheita de Algodão e Trabalhos em Usina de Beneficiamento.

Fonte: Trabalhos de campo. Org: Autoras, 2022.

Dentro do contexto migratório, os moradores fazem uma diferenciação entre os trabalhos nas firmas e nas fazendas. As firmas designam os trabalhos em empresas, tanto no perímetro urbano, como empresas agrícolas. Já quando se referem aos trabalhos temporários nas colheitas, citam as fazendas. Primeiro,

é importante explicar porque grafamos permanente e definitivo entre aspas quando nos referimos as migrações. A luz de Sayad (1998), entendemos que chegando no lugar de destino os sujeitos vivem uma dupla contradição: por um lado, estão em um estado provisório que é prolongado indefinitivamente e ao mesmo tempo este estado permanente é vivido com o sentimento de provisoriidade. Assim são os caminhos percorridos pelos moradores da Comunidade do Touro. Quando vão para as áreas urbanas ou para os trabalhos agrícolas, geralmente tem a expectativa de encontrar um meio para a reprodução da vida, que pode vir a ser prolongado. No entanto, vivem com o sentimento de incerteza, já que lá é diferente do lugar da gente, onde para morar precisam pagar aluguel e a renda adquirida é fruto dos trabalhos inconstantes.

Neste sentido, Martins (1998, p. 49) reflete que "se, em termos demográficos, a duração — o temporário — é essencial para o estudo das migrações temporárias, em termos sociológicos o essencial é a concepção de ausência". Pois será um migrante temporário todo aquele que considera a si mesmo, fora do lugar e de casa, isto é, ausente, mesmo que demograficamente tenha migrado definitivamente. Isso quer dizer que essas migrações, tornaram-se permanentemente provisórias (Silva, 1992) e são recheadas de histórias e ciclos, desde as migrações temporárias para as colheitas que se perpetuaram, até os trabalhos nas zonas urbanas.

Era muito comum, caminhando pela Comunidade, observamos os velhos, as crianças brincando ou esperando o ônibus escolar e poucos homens trabalhando em suas roças. Estávamos vendo, assim, a nova dinâmica do lugar, um processo de envelhecimento e saída daqueles que estão em idade produtiva. Esse rearranjo para os que ficam traz o sentimento de insegurança, de medo do futuro, da sucessão. As tradições parecem não encontrar formas de manutenção, é algo que dói, como nos revela L.:

Agora é uma preocupação! O menino meu já não quer ficar aqui mexendo com roça, já está em outra atividade, ele é segurança. E no geral eu percebo isso também, a questão da sucessão ela é doída, é doída! Você não

percebe isso, se eu sair hoje, amanhã tem alguém pra tocar a atividade? E não é só a minha não, eu percebo no geral. Você enxerga alguma coisa desenvolvendo, mas a continuidade da comunidade em si, do processo produtivo ele é um desafio [...] **a roça hoje está sendo lugar de velho.** (Depoimento de L., 49 anos, morador da Comunidade do Touro, Outubro de 2017)

A partir do declínio da monocultura foi viabilizado o estímulo as primeiras gerações de migrantes, que hoje estão com cerca de 40 anos ou mais de idade. Atualmente as novas migrações parecem trazer também novas ambições e expectativas de vida, o que faz dos jovens mais propícios as mudanças do lugar.

Através dos relatos dos familiares tivemos a compreensão de que se tornou uma prática, principalmente dos mais novos, a ida para as cidades mais próximas e na região do Norte de Minas. Houve um contingente de pessoas que foram para o município de Jaíba por conta do Projeto de agricultura e fruticultura irrigada, maior empreendimento agroindustrial da América Latina. (Rodrigues, 2001)

Aí na Jaíba tem muita gente, meus parentes moram quase tudo pra lá. Tudo mexe com roça, tem uns que é empregado, mas a maioria é com roça. Foi mais novo pra lá, assim que saiu o Projeto eles foram pra lá [...] Uns já saiu de lá e foi pra outros lugares, mas tem muita gente ainda. (Depoimento de A., 54 anos, morador da Comunidade do Touro, Janeiro de 2019)

Outro empreendimento que resultou em empregos para alguns moradores, mesmo que provisórios, foi a Mineradora de Riacho dos Machados (Barbosa, 2014). Uma dessas histórias é a do filho de L., "hoje ele mora em Porteirinha, mas está trabalhando lá na firma em Riacho"⁶. Além destes trabalhos, em Porteirinha, Riacho

⁶ Depoimento de L., 49 anos, morador da Comunidade do Touro, outubro de 2017.

dos Machados, Serranópolis de Minas, Montes Claros e Jaíba, os moradores citaram ocupações em comércios como atendentes, entregadores e faxineiros, trabalhos em firmas e contratos pela prefeitura, trabalho doméstico e de servente de pedreiro.

A opção por essas localidades é justificada, muitas vezes, em função da vontade de seguir novos caminhos, já que estes não querem dar prosseguimento ao trabalho rural. Mas estando mais próximos, o contato com a família é mais fácil, podem sempre retornar naqueles tempos das festas, dos momentos de estar junto. É relatado a ocorrência de divisão do aluguel entre irmãos, parentes e vizinhos, mas com o tempo a intenção é de construir ou adquirirem suas próprias casas, vivendo sempre nessa contradição do permanentemente provisório.

Percebemos que muitas migrações iniciaram não com o objetivo de permanecer no novo lugar e sim enquanto migrações temporárias, que destinavam aos municípios do Sul de Minas e do estado de São Paulo. Após algum tempo a oportunidade de ficar aparece, em função de uma proposta de trabalho mais estável ou constituição de família.

Nos relatos, os homens solteiros são descritos como aqueles que migram com mais tendência a ficar no lugar de destino, onde muitos já casaram, constituíram família e não retornaram para a Comunidade. Seu A. nos contou dos primos, os primeiros a sair para o estado de São Paulo, que entre mudanças estão hoje na cidade de Indaiatuba. Foram para trabalhar com hortifrúti (tomate, pimentão, berinjela, ameixa, etc.) em fazendas do interior. Trabalhavam como meeiros, cuidavam de toda a lavoura: plantação, colheita, seleção, embalagem e carregamento dos caminhões que levavam as produções direto para a CEASA⁷ em

⁷ Em seu depoimento A. refere-se ao Centro Estadual de Abastecimento (CEASA), porém, não existe mais na cidade de São Paulo. Houve a junção do mesmo com a Companhia de Armazéns Gerais do estado de São Paulo (CAGESP) que resultou na CEAGESP (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo) que foi inaugurada em maio de 1969 e funciona como um centro de abastecimento atacadista até os dias de hoje. Disponível em: <https://>

São Paulo. O trabalho até então, tido como temporário, durava cerca de 7 meses. Eles "entravam" com a mão de obra e o patrão fornecia a muda, semente, adubo, maquinário, mas depois dividiam tanto o lucro, como as despesas: "dividia, mas só que ele cobrava isso tudo e ninguém nem sabe como que cobrava (risos)"⁸. Atualmente os primos fazem trabalhos terceirizados em fábricas:

Eles são daqui também, foram pra lá novos, ainda tudo meninos. (Hoje estão) em Indaiatuba, eles moram na cidade, hoje não mexem mais com isso não (trabalho em fazendas), trabalham em fábrica hoje. Eles falam que tá melhor, cansou com lavoura, hoje eles trabalham tudo em fábrica. Uma hora está empregado, outra hora está desempregado, mais temporário, é mais terceirizado, não é direto mesmo [...] Eles vêm pouco, muito pouco. Já até morreu uns dois deles lá, o pai deles também morreu tudo pra lá, mais colegas deles que foi pra lá já morreu uns dois, três. Tudo gente daqui que foi pra lá. (Depoimento de A., 54 anos, morador da Comunidade do Touro, Janeiro de 2019)

Seu depoimento revela as migrações "permanentes" e o fato de mesmo estando há anos fora, vivem momentos incertos, como o desemprego. A saudade é constante, convivem com a *falta* dos que conseguem vir pouco e daqueles que já se foram. Saudades A. sente também do irmão, que foi seu companheiro nos trabalhos temporários, viviam para lá e para cá, mas "casou lá, ficou e vai para 11 anos que ele não veio aqui, acomodou demais!". Ele recordou de uma visita que fez ao irmão, quando conheceu um de seus sobrinhos, que na ocasião ainda era pequeno.

Eu passei lá uma época que eu tive no café em Cristais Paulistas, de lá eu fiz a volta e passei lá na casa

www.ceagesp.org/ceasa-sp/

⁸ Depoimento de A., 54 anos, morador da Comunidade do Touro, janeiro de 2019.

dele. Fiquei uns dois dias com ele e vim embora [...] O menino dele mesmo, depois que eu vim, o menino era pequenininho, já teve no exército e saiu (risos). É um casal só que ele tem, é um rapagão já. (Depoimento de A., 54 anos, morador da Comunidade do Touro, Janeiro de 2019)

O seu irmão foi empregado na fazenda que trabalhavam juntos com Hortifrúti, ficou morando na casa que o patrão cedia, mas com o tempo ele construiu a sua própria casa. "Quando eu passei lá estava começando a lotear, é na beira de uma pista no trevo que tem lá, é área urbana, aí estava fazendo uma colonizaçõzinha"⁹. Da mesma maneira, outros sujeitos no ir e vir foram ficando. São relatos de saudades de moradores como R. que nos contou sobre as migrações de seus filhos:

— Tem algum parente que saiu daqui?

R.: Tem tio, irmão, tem um filho que mora lá também, já foi pra morar lá mesmo, trabalha com trator (no café).

— Todos os filhos já foram trabalhar fora?

R.: A não ser esse outro que tá em São Paulo, tem esse aqui que foi pra Mato Grosso na algodoeira e outro que tá em Porteirinha mesmo. (Depoimento de R., 48 anos, morador da Comunidade do Touro, Abril de 2018)

Alguns destes sujeitos que estabeleceram morada nos destinos, que anteriormente iam apenas para os trabalhos temporários, tornaram-se referências para os novos migrantes, intermediando os empregos para aqueles que ficaram no Touro.

⁹ Depoimento de A., 54 anos, morador da Comunidade do Touro, janeiro de 2019.

Primeiro foi um pessoal que morou aqui muitos anos, o pessoal de Seu Miro, que levou nós pra colher semente de braquiária [...] e eles tá lá até hoje, o pessoal de Seu Miro, eles continuam lá. (Depoimento de A., 57 anos, morador da Comunidade do Touro, janeiro de 2019)

Lá já tem um amigo nosso que mora, primo do amigo meu ali, que mora lá. Aí liga pra ele, ele arruma a casa e já conversa com o homem do serviço lá. É um serviço, pode dizer, fixo. Aí chega lá trabalha pra ele direto. (Depoimento de M., 21 anos, morador da Comunidade do Touro, janeiro de 2019)

Apresentamos aqui apontamentos sobre esses movimentos migratórios, que são processos complexos e multifacetados, são fragmentos de histórias lembradas por aqueles que convivem com a saudade dos que precisaram "sair no mundo". A complexidade está, da mesma forma, nas migrações temporárias cíclicas, que modificam os que vão e aqueles que ficam, interferindo totalmente na dinâmica de vida na própria Comunidade.

Considerações finais

Este artigo objetivou compreender as dinâmicas das migrações internas para o trabalho na Comunidade do Touro, localizada no município de Serranópolis de Minas, norte de Minas Gerais, demonstrando como o Estado, através de incentivos a políticas que carregam um discurso desenvolvimentista, influencia nos modos de vida tradicionais e provocam as migrações, como uma alternativa de resistência para esses povos.

O caso da Comunidade do Touro, revela de maneira singular essa perspectiva. Nos tempos antigos, a reprodução da vida contava com a plantação do algodão, que fazia parte da cultura, era transformado em linha, tecido, depois em peças de roupas e afins, cultivado em conjunto com as variedades caatingueiras, de milho e feijão. Mas enquanto proposta de modernização do campo, viveram o tempo da monocultura de algodão, da promessa de

progresso e da desilusão, fazendo que com a crise da cotonicultura fosse necessário sair da Comunidade, mesmo que sazonalmente, para manter a família no lugar.

Os tempos das migrações, são vividos enquanto processo, com característica de fenômeno que acontece por gerações. Os primeiros a sair passaram pela transição do final da monocultura do algodão. Saíram à procura do "algodão" do outro lugar, ou seja, um meio que fornecesse a reprodução da vida e assim, começaram as saídas. Idas para outros municípios Norte Mineiros, para o Sul de Minas, São Paulo e Mato Grosso. Trabalhos nas cidades e nas colheitas. Travessias que transformam os que saem e os que ficam.

Compreendemos que os povos e comunidades do campo resistem a um ciclo vicioso de expropriação e expulsão dos seus territórios de vida. São encurralados pelas promessas de progresso, resistem e novamente são encurralados e por isso, precisam criar estratégias. A migração é uma dessas, um partir sofrido e um viver lá de muitas saudades. Saudade da família, da Comunidade e de um tempo onde, mesmo com dificuldades, viviam mais felizes.

Os novos tempos, e as idas e vindas dos migrantes, modificam suas vidas e seus sonhos, há uma cobrança em demonstrar que foram bem-sucedidos. Por isso, o retorno é marcado pelos reencontros e as "provas" de que mesmo por um caminho diferente do trabalho familiar camponês, a partir do esforço nas fazendas, conseguiram sobreviver. As marcas da migração vão para além daquelas percebidas nas mãos calejadas, na pele queimada, na feição envelhecida. As marcas também estão pela casa arrumada, nas paredes coloridas, nos eletrodomésticos, conquistados nos trabalhos na colheita de café, entre outros.

Perpetuando-se por gerações, a migração já faz parte das dinâmicas do lugar, aparecendo enquanto condição, que ao longo dos anos tornou-se aspecto intrínseco aos modos de vida locais. Ao descrevermos as trajetórias dos migrantes do Touro, que vivem entre o lugar de vida e o lugar de trabalho, compreendemos que colaboramos para o campo de pesquisa das migrações, revelando que as migrações internas possuem complexidade e demonstram

um processo de mudança nas relações de trabalho, que influencia a compreensão do mundo rural.

Esperamos que os camponeses que nos narraram suas histórias possam conviver com a migração enquanto direito humano de ir e vir e que não necessitem forçadamente saírem da roça. Que possam viver onde escolheram, no "lugar da gente"!

Referências

ARAÚJO, Ana Flávia Rocha de. **Por caminhos de águas e terras:** O processo migratório de pescadores artesanais. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2016.

BARBOSA, Rômulo Soares. Mineração no Norte de Minas Gerais: Tensões e Conflitos Pelo Acesso e Uso da Água. **Revista Desenvolvimento Social**, n. 11/01, p. 43-50, 2014.

BARBOSA, Rômulo Soares; FEITOSA, Antônio Maurílio. A dinâmica de luta pela terra no norte de Minas Gerais. *In:* FEITOSA, A. M. A. et al (org.). **Debaixo da lona:** tendências e desafios regionais da luta pela posse da terra e da reforma agrária no Brasil. Goiânia: Ed. da UCG, 2006.

BARBOSA, Rômulo Soares; ZIMMERMANN, Silvia A.; TECCHIO, Andréia. Desenvolvimento Territorial e Pobreza Rural no Território da Cidadania Serra Geral (MG). *In:* LEITE, Sergio Pereira (Org.). **Políticas de Desenvolvimento Territorial e Enfrentamento da Pobreza Rural no Brasil:** estudos de casos. 1 ed. Brasília: IICA, 2013, v. 1, p. 171-205.

BOURDIEU, Pierre. Introdução. *In:* BOURDIEU, Pierre CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício do Sociólogo:** metodologia da pesquisa na sociologia. Editora Vozes: Petrópolis, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, 2007. p. 11-27.

COSTA, João Batista Almeida. **Mineiro e Baianeiros**: englobamento, exclusão e resistência. 332 f. Tese (Doutorado em Antropologia social) — Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

DAYRELL, Carlos Alberto. **Geraizeiros e Biodiversidade no Norte de Minas**: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais. 1998. 192f. Dissertação (Maestria em Agroecologia y Desarrollo Rural Sostenible) — Huelva: Universidade Internacional de Andalúcia, Sede Ibero Americana — La Rábida, 1998.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus**: o sistema das castas e suas implicações. Trad. Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, Wolfgang. **Dicionário do Desenvolvimento**: Guia para o Conhecimento como Poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FONSECA, Gildete Soares. **Migrações da Mesorregião Norte de Minas/MG**: análises o censo demográfico de 2010. Tese (Doutorado em Geografia) — Programa de Pós-graduação em Geografia Tratamento da Informação Espacial. Pontifícia Universidade Católica de Minas — PUC-Minas, 2015.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O que é questão agrária?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil**: Por uma antropologia da territorialidade. Trabalho apresentado no SIMPÓSIO "NATUREZA E SOCIEDADE: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS PARA A ANTROPOLOGIA", na 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado, RS, 19 de junho de 2002.

MARTINS, H. H. T. S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, 2004.

MARTINS, José de Souza. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. *In*: **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. **"Refúgio significa saudades"**: A política Brasileira de Reunião Familiar em Perspectiva Comparada (1997-2018). Tese de doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo-SP, 2019.

MILLS, C. Wright. Do Artesanato Intelectual. *In*: MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. Integração dos migrantes no mercado de trabalho em Montes Claros, Norte de Minas Gerais: "A Esperança de Melhoria de Vida". 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia — MG. 2003.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **TRAVESSIAS** — Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais. Tese (doutorado) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia — MG. 2009.

PIRES, Maria Cecília Cordeiro. "**A precisão faz ir mais longe**": Migração e Des-envolvimento em Comunidade Rural do Sertão Norte Mineiro. 147 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2019.

PORTO-GONCALVES, Carlos Walter. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RODRIGUES, Luciene. Potencial da agricultura irrigada como indutora do desenvolvimento regional: o caso do Projeto Jaíba no Norte de Minas Gerais. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 32, n. 2, p. 206-232, abr-jun. 2001.

SAYAD, A. **A Migração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, M.A.M. **Destinos e trajetórias de camponeses migrantes**. Anais VIII Encontro nacional de Estudos Populacionais, v. 3 ABEP, 1992.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. *In*: **Economia Política da Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-62.